

Apresentação

Territórios indivisíveis: corpo, escrita e política no Brasil e na América hispânica

Este dossiê é o desdobramento de um diálogo iniciado no XIII Congresso Brasileiro de Hispanistas, realizado em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre os dias 5 e 9 de agosto de 2024. Naquele encontro, um grupo de pesquisadoras e pesquisadores se reuniu em torno de um mesmo gesto: pensar os modos como a *escrita toca o corpo* – e é tocada por ele – em suas dimensões políticas, afetivas e materiais. O que nasceu como um simpósio temático expandiu-se, desde então, em reflexões que ultrapassam fronteiras nacionais e disciplinares, consolidando-se agora neste volume 34, número 3, da revista *O Eixo e a Roda* como um território *indivisível*: espaço de contágio entre corpo e linguagem, entre estética e existência, entre Brasil e América hispânica.

Propusemos, como editoras, articular um tecido que unisse os dezoito artigos aqui reunidos a partir de uma hipótese: *a escrita é sempre corporal*, uma extensão sensível que, ao inscrever o mundo, reinscreve também quem escreve. Assim, o corpo deixa de ser apenas tema para tornar-se *matriz de pensamento, material de criação e lugar de resistência*. Nesse sentido, este volume se organiza como um conjunto de vozes que investigam, sob múltiplas perspectivas, o entrelaçamento entre vida, palavra e política.

O dossiê se abre com Ana Elisa Drawin que, em “O devir do corpo num jogo lacinante de pêndulos: entre a metáfora e a metonímia em Maura Lopes Cançado”, examina o corpo como espelho e escritura, um espaço de espasmo e invenção. A escrita de Maura, ao mesmo tempo confissão e delírio, mostra como o corpo pode ser o lugar onde a linguagem pulsa. Em seguida, Ellen Maria Martins de Vasconcellos, em “O que afeta o corpo ocupa o texto (e vice-versa): uma análise de *A Ocupação* de Julián Fuks”, lê a narrativa como gesto de hospitalidade, em que a ocupação



urbana se transforma em ocupação textual e ética. Já Ana Carolina Macena Francini, em “O corpo pós-orgânico: uma vida alternativa em *Kentukis*”, pensa as fronteiras entre humano e máquina, investigando os modos como a tecnologia inscreve novas sensibilidades e dependências.

Wagner Honorato Dutra e Roberta Carvalho Romagnoli retomam, em “A escritura Deleuze-Guattariana é a criação de um corpo sem órgãos”, a força da escrita como desarticulação das formas instituídas do corpo, gesto que desestabiliza hierarquias e abre fendas para o pensamento. Já Umberto Luiz Miele, em “Juliana Burgos, uma intrusa entre coisas de homens”, tensiona o corpo feminino e sua vulnerabilidade diante da violência simbólica e material, revelando como a literatura ainda é um campo de disputas corporais e discursivas.

A investigação de Diego Freitas Garcia, “Corpos, coisas e políticas do luto em *Huaco retrato*, de Gabriela Wiener”, propõe a memória como inscrição e o luto como gesto político, aproximando a escrita do testemunho. Enquanto em “De pacificador a insurgente”, Tatiane Cristina Becher e Gilmei Francisco Fleck reconstruem, a partir da figura de Anacaona, uma genealogia de corpos insurgentes na história latino-americana, questionando narrativas coloniais e patriarcas.

Fábio Pomponio Saldanha, em “Corpo, escrita e violência em *O amor dos homens avulsos*”, mostra a dor como matéria da linguagem, uma ferida que se escreve e que, ao se escrever, resiste. Já Mariana Vieira Mitoto, em “O cantar na poesia de Juanele Ortiz”, devolve ao corpo o sopro da voz, entendendo o canto como gesto comunitário que reinscreve modos de presença. Zeno Queiroz, em “O corpo ambivalente do poema: forma e experiência em Ana Cristina Cesar”, indaga como o poema corporifica ambiguidades e desejos, fazendo da forma um espaço de experimentação sensível.

O texto de Rangel Gomes de Andrade, “O caçador da noite: o *cruising* noturno na poesia urbana de Roberto Piva”, reinscreve o corpo dissidente na cidade, onde prazer e perigo se entrelaçam como coreografia de visibilidade e resistência. Debora Duarte dos Santos, em “Precariedade, modos de sobrevivência e reinvenção da vida em Néstor Perlongher”, reflete sobre a potência erótica e vital que emerge do corpo precário, afirmado a poesia como gesto de reinvenção diante da morte. Na sequência, Marina Baltazar Mattos, em “*La Soledad de Ninguém*: quando José Leonilson e Feliciano Centurión se encontram”, borda uma escrita do cuidado, na qual o têxtil e o texto se confundem em práticas de sobrevivência e afeto.

A leitura de Marcela Crespo Buiturón sobre *Canarse la muerte*, de Griselda Gambaro, aproxima literatura e direitos humanos, evidenciando como a escrita encarna o trauma e resiste ao autoritarismo. Maria Beatriz Ferreira Santos e Algemira de Macêdo Mendes, em “Ruptura de silenciamentos em *Cartas para a minha mãe*”, exploram a epístola como forma de cura e escuta, onde o corpo escreve e se escreve para romper o silêncio histórico. Alexandre de Oliveira Fernandes, em “Marilene Felinto: uma escrita antifascista e contracolonial”, revela o corpo como campo de batalha e linguagem de insubmissão. Luiza Sousa Romão, em “Voz, violência e futebol: uma análise do livro *No fue penal, de Juan Villoro*”, examina como o esporte e o corpo masculino se tornam arenas de poder e disputa simbólica. Por fim, Flavia Krauss e Alexandre Mariotto Botton, em “Comunidades originárias e livros cartoneros”, encerram o dossiê com uma reflexão sobre práticas comunitárias de escrita, nas quais o corpo coletivo se torna meio e mensagem, gesto e território.

A multiplicidade desses trabalhos não fragmenta o conjunto: ela o mantém vivo, em tensão e movimento. Entre corpos que cantam, escrevem, dançam ou se insurgem, o que se revela é uma mesma pulsação: a vida enquanto escrita, a escrita enquanto corpo. Em tempos de precariedade e violência, as poéticas aqui reunidas propõem formas de reexistência – não

como fuga, mas como invenção. Há, em cada texto, uma tentativa de devolver à literatura sua dimensão de contato: o gesto que une pensamento e carne, política e afeto, teoria e respiração.

Esses textos seguem à esteira das considerações sobre escrita e corpo que deram início ao dossiê. Ao privilegiar o gesto, o toque e o encontro, os textos reunidos neste volume deslocam o olhar das ontologias fixas para um pensamento da *contiguidade* – o corpo como limite compartilhado, a escrita como extensão dessa borda. Tal perspectiva permite ler a literatura como um espaço de *materialidades em trânsito*, onde o humano se pensa em meio às suas interdependências – com o animal, a máquina, o ambiente, a ruína, o outro. Nesse sentido, os corpos que aqui se escrevem e são escritos não se reduzem a identidades ou categorias, mas se apresentam como *configurações transitórias de afeto e potência*. É na fricção entre precariedade e criação, entre dor e invenção, que a escrita se torna política: não por representar o sofrimento, mas por *fazer existir o que insiste em desaparecer*. O que emerge é uma estética do entre, um pensamento que recusa a transcendência e aposta na vibração do comum, na capacidade da arte de sustentar o comum – um modo de pensar a literatura latino-americana não como representação do real, mas como *produção material de mundos possíveis*.

Assim, reafirmamos que este dossiê é também um corpo coletivo – poroso, indisciplinado, múltiplo – que se oferece como espaço de partilha e continuidade para os debates inaugurados em 2024 e que ainda darão outros frutos no futuro. Que as escritas aqui reunidas sigam produzindo encontros, abrindo frestas, convocando o pensamento e o sentir a habitarem juntos.

Com carinho,

Ana Carolina Macena Francini (IFSP)

Débora Duarte dos Santos (UESC)

Ellen Maria Martins de Vasconcellos (UNAM)